

Ajustamentos Curriculares no Ensino Secundário - As árvores e a Floresta

É genericamente reconhecido que o actual ensino secundário em Portugal não serve os desígnios da heterogénea população escolar que o frequenta, desde logo ao não preparar para o acesso nem para o sucesso dos que prosseguem estudos nem habilitar ? ao que parece - para o exercício competente de uma profissão. (Daremos de barato, aqui e agora, que responsabilidades têm nesta situação o próprio ensino superior e o universo patronal português). Outros sectores envolvidos ? pais, professores, investigadores ? têm identificado, com ou mais ou menos empenho e clarividência, um amplo leque de pontos críticos, impeditivos da consecução das grandes finalidades deste sub-sistema, que ultrapassam, como é sabido, aquelas duas já referidas.

Deixando de lado questões de pormenor ? mais uma ou menos uma hora na carga lectiva semanal, incluir ou excluir esta ou aquela disciplina desta ou daquela componente de formação ? avanço para uma ou duas questões de fundo que poderão ser decisivas no impacto dos ajustamentos anunciados.

As funções *naturais* do ensino secundário de preparar para o prosseguimento de estudos (não apenas universitários) e para o desempenho competente de uma actividade profissional (especialização de nível III de acordo com as certificações da Comunidade Europeia) só farão sentido no quadro de uma *formação global* que assegure os objectivos definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo. Nesta linha é legítimo perguntar que medidas de enquadramento serão implementadas (medidas de gestão e organização curricular com particular incidência pedagógica, formação inicial e contínua de professores, regime de acesso ao ensino superior e de ingresso no mercado de trabalho) que permitam ajustar a formação secundária na sua globalidade e não apenas este ou aquele percurso e esta ou aquela modalidade do ensino secundário.

É neste contexto que faz sentido a questão da *equivalência* curricular dos cursos gerais (CG) e cursos tecnológicos (CT)¹, cujo corolário redentor, do ponto de vista social, é (ou não) a igualdade de oportunidades de acesso e de sucesso no ensino superior. Seria bom que o anunciado reforço da diferenciação curricular entre CG e CT contribuisse para dotar os alunos dos CG de competências tecnológicas que os seus saberes teóricos implicam. É tempo de perceber que o prosseguimento de estudos na linha da compreensão e investigação teóricas dos diferentes ramos do saber não dispensa a capacidade de utilizar saberes práticos na composição de técnicas de produção e intervenção concretas. Existe uma tecnologia da produção de texto nas línguas e literaturas, por exemplo, como existe uma tecnologia de materiais nas ciências físicas. Ou seja, que o anunciado reforço da diferenciação entre estes dois percursos sirva para adequar as formações à diversidade de expectativas e motivações dos alunos e às necessidades sociais e não para vincar diferenças de formação que outro fundamento não têm que o de representações socialmente obsoletas e culturalmente retrógradas: *os teóricos não sujam as mãos, os práticos não pensam*.

Também não me parece possível prever grandes alterações *reais* no perfil dos futuros alunos certificados se não forem introduzidas alterações concretas na *natureza* da componente curricular. Destaco dois bons sinais: a criação das áreas de projecto e a decisão de renovar os programas. Mas penso que serão precisas alterações a nível da avaliação (natureza e regime), organização e gestão das escolas e formação de professores, aliás como prometido pelo Ministério. É bom não esquecer, no meio da retórica e da técnica da *engenharia curricular*, que é também na gestão concreta do processo de ensino-aprendizagem que, em última análise, se decide o êxito dos percursos formativos e educativos..

O resto é *política*... Se, como dizem uns, a política é a arte do possível, esta proposta do Governo poderá constituir uma plataforma comum de partida para todos os que sentem que a situação *no* ensino secundário já atingiu (há muitos anos) o descalabro e está em vias de ruptura eminente. Para os que entendem que a política é a arte do impossível, o que para já foi tornado público, mesmo podendo ser animador, sabe a (muito) pouco...

Existe em Portugal uma *questão educativa* que é uma questão social, isto é, de toda a sociedade ? tentar resolvê-la sem implicar todos os sectores da sociedade nela directamente envolvidos é condená-la (condenar-nos) ao fracasso.

1 Predominantemente orientados para o prosseguimento de estudos os primeiros e para o ingresso no mercado de trabalho os segundos.

Paulo Pais

Escola Secundária do Padrão da Légua / Matosinhos